

JORNAL DOS DEBATES

Publica-se nas quartas-feiras e sábados. Subscrivense nestas typographias.

POLITICOS E LITTERARIOS.

Rio de Janeiro. Typ. imperial e constitucional de J. VILLENEUVE & COMP., rua d'Outidor N.º 65.

O preço da assinatura é de 3 rs. por trimestre, pagos adiantados.

INTERIOR.

O Ministerio e os seus adherentes políticos afiguram-se uma bem singular ideia do governo constitucional. É preciso faser-lhes esta justiça que os seus principios políticos estão em harmonia com a sua marcha administrativa. Homogeneidade no Ministerio, solidariedade de vista e de responsabilidade entre os membros que o compõe, influencia da maioria parlamentar, são, segundo as doutrinas Ministeriaes, condições do régimen representativo applicáveis quando mui-to à Europa, mas não ao Brasil. Nós não suppomos causa algmá, enumciamos unicamente o programma político do Ministerio tal qual se procura assealhar no paiz. Assim o Brasil depois de ter, durante 15 annos, subido e descido pelo declive das revoluções em busca de um governo, que adopte frumentamente as condições da missão constitucional, recebe no fim de tantos esforços e sacrifícios a triste declaração de que é incapaz de gozar dos elementos de força, e de estabilidade, que o sistema representativo fornece aos povos Europeos. Mas antes de duvidar da capacidade do paiz, seja-nos permitido duvidar da sufficiencia e capacidade do Governo.

Considerações puramente individuaes, susceptibilidades de amor proprio, sympathias ou aversões pessoais, uma certa obstinação no desprezo para as influencias legítimas, taes são as disposições, que presidem à escolha de um Ministério entre nós, taes as verdadeiras causas que tornam difícil a existencia de uma Administração homogênea, solidaria, e parlamentar. O voto do paiz, e da Camara são completamente desconhecidos nas combinações do Poder; desdenha-se o saber, si os Ministros tem ou não uniformidade de vistos, si serão capazes de inspirar confiança, e remover os embraços públicos. O valor político dos individuos nada pesa na balança das escolhas; illegitimos caprichos, e cálculos obscuros decidem sós da organização dos Gabinetes. Não se quer comprehendêr, que nenhum artificio deve, na ordem social, estorvar o movimento da ascenção e decadência dos individuos, que as superioridades naturaes, as preeminen-

cias políticas não devem encontrar no Poder supremo resistencia alguma facticia; que as causas devem ficar entregues ao seu curso natural.

Ora, no interesse do Brasil não deve continuar uma similar ordem de causas, porque com ella são incompatíveis a marcha das instituições, e a propria força do Governo, sem a qual o bem do paiz é impossivel. A ausencia de homogeneidade, e de harmonia entre o Ministerio, e as Camaras, constituem a ausencia do régimen constitucional. Ainda uma vez citaremos o exemplo de Inglaterra à este respeito. No começo de 1835 Lord Grey, Presidente do Gabinete, escreveu ao Vice-Rei da Irlanda, pedindo a sua opinião acerca de um bill coercitivo, que n'aquelle momento organisava-se nas Secretarias. Lord Grey diffiria da resposta do Vice-Rei sobre a utilidade do bill; mas Lord Althorp, outro membro do Gabinete, em uma conversação com o primeiro Ministro, associou-se à opinião do Vice-Rei. Esta unica divergência em uma conversação entre os dous Conselheiros do Rei, bastou para motivar a queda do famoso Ministerio Grey. Interpellado por O'Connell sobre a realidade d'aquelle dissensimento, o illustre Ministro addiou as explicações para o dia seguinte, e no intervallo, deo a Sua Magestade Britannica a sua demissão. A Inglaterra não teria sofrido a existencia de um Gablute, que não pensasse e obrasse como um só homem nas questões importantes da ordem social. Nós, pelo contrario, vimos, entre outros exemplos, dous Ministros no seio da Camara, e à face do paiz, contendrem entre si sobre a interpretação de um artigo do acto adicional, objecto de graves consequências práticas para a ordem pública; vimos ultimamente o Ministerio, pelo orgão de um illustre Deputado, lançar toda a responsabilidade da ley de excepção de 18 de Março sobre o Ministro da Justiça, e negar a solidariedade dos outros membros do Governo.

Quanto à influencia da Camara sobre o Ministerio, essa base primordial dos governos livres, nós tambem a vimos formalmente contestada pelo Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros. E o que mais depreavel é ainda, assegura o partido ministerial,

que quando mesmo o 2º paragrapho do Projecto de Resposta à Falla do Regente houver de passar, ou o actual Ministerio será conservado à despeito dos votos da Camara, ou um outro será organizado, mas com exclusão completa de todas as notabilidades da oposição.

A adhesão da Camara ao paragrapho do Projecto, revelará dous factos bem positivos, e evidentes; provará de um lado, que a oposição se converteu em maioria, e de outro lado que o governo do paiz compete de direito aos chefes ou representantes das opiniões, que prevaleceram nessa maioria, ou em outros termos, que o Ministerio deve ser tirado da maioria parlamentar. Obrar fora do círculo destes principios seria tentar a empresa impossivel de governar sem a Camara e à despeito d'ella, seria comprometer a ordem do paiz, provocando serias reacções, seria ferir a dignidade da Camara, seria concular os deveres, que o régimen representativo impõe ao Poder. Esta suposição é de tal sorte extraordinaria, que só acreditaremos à este respeito no que virmos realizado. Mas si por um excesso de imprudencia e de obstinação, ella se effectuasse, então a dignidade da Camara, os interesses do paiz, a defesa da ordem constitucional requererão imperiosamente, que a Camara fizesse valer a sua primeira declaração, que fizesse respeitar a influencia, que lhe pertence no governo da sociedade.

CONSIDERAÇÕES ECONOMICAS SOBRE A ESCRAVATURA. — PARALELO ENTRE O SUL E O NORTE DOS ESTADOS UNIDOS.

(1.º Artigo.)

Quasi insensivel é a diferença das influencias geraes, que hão operado sobre o desenvolvimento da civilisação do Meio-Dia, e do Norte dos Estados Unidos. A mesma origem, a mesma historia politica e religiosa, os mesmos destinos sociaes, a mesma liberdade nas instituições e nos governos, tem o habitante de um, e outro lado da União. Entretanto todos os viajantes, que visitaram os Estados Unidos, concordam em assignar uma immensa distancia, não só entre a capacidade industrial do homem do Sul, e

do homem do Norte, como também entre o grao de produçao, e de riqueza dos Estados collocados nestas duas diversas latitudes. O clima do Sul é mais salubre, o seu solo mais fertil e rico, que o do Norte; apesar, porém, destas vantagens naturaes, o Sul oferece desmarcada inferioridade em prosperidade e opulencia, comparativamente ao Norte. «As leis das tarifas, diziam os habitantes de Carolina em 1812, enriquecem o Norte, e arruinam o Sul, porque de outro modo como poder-se-ha conceber, que o Norte com seu clima inhospitaleiro, e seu solo arido aumente em riqueza, e potencia, ao mesmo tempo que o Sul, que forma o jardim da America, cahe rapidamente em decadencia. Atraso material do Sul, e rapidos progressos do Norte, eis o que ha de verdadeiro nos queixumes da representação de Carolina: a explicação tirada das tarifas, segundo a linha de suas ideias, ou antes dos seus mal entendidos interesses, é uma pura quimera; o verdadeiro motivo, a causa real d'aquele resultado está em outra parte, mui diversa: procurai-a na escravatura, e nas suas funestas consequencias. Concedo os Estados do Norte purificaram o solo da lepra da escravatura; os Estados do Sul, pelo contrario, abriram um vasto mercado aos escravos exportados do Norte, e da Africa, a ponto tal, que em Georgia, Virginia, Carolina, Louisiana, e outros países do Sul, existem hoje 55 escravos sobre cada centena de habitantes. Este opposto estado de cousas surtio os effeitos, que necessariamente devia surtir. Primeiramente, como o Romano, como o Hollandez do Cabo da Boa-Esperanca, o Americano do Sul dos Estados Unidos desdenha as profissões industriais, e as abandona, aps braços, e cuidados dos escravos africanos; mas por compensação desdobra uma estraordinaria avidez dos publicos empregos; desprestando toda a ação sobre a natureza material, elle só forceja por empregar cargos, que o habilitem a influir sobre os outros homens. Como immediata consequencia da vilania das occupações uteis, e do orgulho dos habitantes, os obreiros livres desaparecem em massa dos Estados possuidores de escravos: a emigração dos primeiros está na razão da importação dos segundos. Elles afflue para o gremio dos infatigaveis Estados do Norte, onde a industria, longe de ser menospresa, é precisamente a profissão do galarim. A mór das vezes o habitante do Sul nasce empregado publico, ou al para nada serve. O Americano do Norte, que escravos não possue, nasce agricultor, manufactureiro, negociante, artista: elle é

quem leva a todos os pontos do globo as riquezas nacionaes, e traz as do globo para o seio da confederacao; elle é quem affronta a flecha do Indio, e os horrores do deserto; são as povoações puras de escravos de Rhode-Island, Massachusetts, Connecticut, Pensilvania, New-York, Ohio, etc., que hão emprehendido, e levado a effeito a assombrosa quantidade de obras hydraulicas, estradas, maquinas de vapor, bancos, fabricas, instituições uteis de toda a especie com fervor tal, que nestes ultimos annos vai disparando em ura industrialismo febril: são elles que marcham em columna contra a Floresta, sua natural inimiga, que improvisam villas e cidades como por encanto, e que agora mesmo, como si já o espaço lhes faltasse, estão avançando sobre as montanhas Pedras-gosas (*Rocky Mountains*), e apresentando o aspecto de um diluvio de industria e de civilisação, que sobe sem parar, e levanta incessantemente a mão do Creador. Para que mais precisa ideia façamos do caracter industrial do Sul e do Norte. vejamos o que diz a este respeito M. de Tocqueville na sua admiravel obra acerca dos Estados Unidos:

- A servidão tão cruel para o escravo é ainda mais funesta ao seu-hor. Esta verdade recebe a ultima confirmação, quando se chega as margens do Ohio. O Rio, que os Indianos chamam por excellencia o Ohio, ou Bello Rio, banha com suas agoas um dos mais magnificos valles, que o homem tem habitado. Sobre as duas ribas do Ohio se espalham terrenos ondeantes, onde o solo quotidianamente oferece aos lavradores inexgotaveis tesouros: em ambas o ar é salubre, e temperado o clima: cada uma delas forma a fronteira limite de um vasto Estado: aquelle que à esquerda segue as mil sinuosidades, que em seu curso vai descrevendo o Ohio, chama-se Kentucky; o outro, que lhe demora a dirija, tomou o nome do Rio.
- Os dous Estados sómente em um ponto se discriminam: Kentucky admittiu escravos; Ohio os repelli do seu territorio.
- O viajante, que posto no meio do rio, deixa-se levar da corrente até à sua embocadura, no Mississipi, navega entre a liberdade e a servidão, e por pouco que lance os olhos em derredor de si, ajuda instantaneamente, qual das duas cousas é a mais favoravel à humanidade. No lado esquierdo divisa-se de quando em quando uma banda de escravos percorrendo com ar morno e descuidado, as terras quasi desertas: a floresta primitiva reaparece a cada passo: dir-se-hia, que a sociedade dorme: o homem parece engol-

• fado na ociosidade, e só a natureza oferece alli a imagem da actividade e da vida. Do lado direito, pelo contrario, levanta-se um confuso bulicio, que proclama de longe a presenca da industria; ricas searas cobrem os campos; elegantes edificios annunciam o gosto, e disvellos do lavrador; de todas as partes a abastança se revela; o homem mostra-se contente; *elle trabalha*. Estes effeitos diversos da liberdade e da servidão, continua M. de Tocqueville, facilmente se comprehendem; elles sohjem para dar conta da diferença entre a antiga, e a moderna civilisação. Em Kentucky o trabalho naturalmente confunde-se com a ideia da escravidão; em Ohio, com a dos progressos materiaes; degradado no primeiro Estado, é um titulo de hora no segundo. A natureza dotou tanto os habitantes de Kentucky, como os de Ohio, de um caracter energico; diverso, porém, foi o emprego que deram áquelle qualidate commun. O habitante de Ohio obrigado a viver à custa dos proprios esforços, cifrou na prosperidade material o fim principal da existencia; e como o paiz que habita, inexgótaveis recursos lhe oferece à actividade, e industrialismo, a sua paixão de adquirir riquezas ultrapassa as barreiras ordinarias da humana cobiça: atormentado pelo desejo de adquirir fortuna, torna-se indiferentemente navegador, manufactureiro, lavrador, suportando com uniforme constancia o assalto destas diferentes occupações. O Americano de Kentucky não só aborrece o trabalho, mas ainda as empresas, cujo successo do trabalho depende; é só ama com paixão a caça, a guerra, os jogos violentos. . . . Si quizessemos dar mór extenção a este paralelo, facilmente provariamos, que a grande diferença entre o Sul e o Norte da União, tira exclusivamente origem da escravidão. O habitante do Norte, por um contrato bilateral, paga um salario aos seus obreiros livres em permutação dos serviços que estes lhe fazem: o habitante do Sul pretende-se isento da paga d'aquele salario, não remunerando o serviço do escravo: uma grande economia nas despezas da produçao devia pois dahi resultar para os Estados do Sul. Levando sobre os do Norte a vantagem do trabalho gratuito do obreiro, parece ao primeiro intuito, que mais baratos deveriam ser os seus productos, e maior a criação das riquezas. Entretanto o contrario acontece. Os Estados servidos por trabalhadores livres, avultam à olhos vistos em prosperidade; os

que consomem o serviço gratuito do escravo, oferecem o expectáculo inverso, e isto contra a ordem apparente dos principios. Jaz a agricultura do Sul no maior atraso; o uso da charrua é desconhecido da pluralidade dos Estados; a deterioração das terras, pelos pessimos processos agronomicos, é um facto attestado pelos viajantes, que estudaram aquellas regiões. As florestas são mais numerosas, mais vastas, e densas no Sul, que no Norte; as madeiras de construção deveriam pelo tanto ser um artigo mais comum na primeira do que na segunda parte, tanto mais que é ali menos consumido em rasão da mais quente temperatura. Pois bem; é precisamente o opposto. Das madeiras de construção dos Estados do Norte fornecem-se os do Sul para a edificação das casas. Nos países de grandes florestas, as madeiras só na presença de uma condição podem ter utilidade, e valor venal, isto é, quando existem facéis meios de transporte, por quanto o seu preço, que figura como um dos mais custosos artigos no orçamento da construcção de uma casa, é até certo ponto o resultado das despesas do transporte. Ora, o Sul por falta de industria, em vez de abrir canaes, e estradas no interior de suas regiões, dá aos capitais um outro destino, e por isso não nos devemos maravilhar, si do Norte importa elle aquillo mesmo, que em suas florestas superabunda. E como não possa, diz M. Michaux, importar de New-York, e de Philadelphia casas já feitas, e prontas, manda vir destes Estados, com grande dispêndio, os obreiros livres de que ha mister, visto que a escravatura é incapaz do exercicio das artes mecanicas. Aos obreiros livres são os habitantes obrigados a pagar não só os dias do trabalho, como também um premio de indemnização pelo despeso, a que se resignam; trabalhando na terra dos escravos, e demais disso as custas da ida e volta, pois que uma vez a obra ultimada, os obreiros dão-se pressa a abandonar o Sul, para volver às regiões não fúnebas à industria.

As substancias alimentares são no Sul demasiadamente caras em relação ao Norte, onde a cultura tem feito infinitamente mais progressos. As terras do primeiro tem menos valor que as do segundo; a diferença é quasi de metade. Bem simples são as razões deste facto. Primeiramente, duas circunstâncias limitam a extensão de todo o mercado; de um lado a quantidade dos consumidores dos productos, d'outro lado a somma dos meios para pagal-os. O total dos productos, que o trabalho eria annualmente, e traz ao mercado de uma sociedade deve ser

comprado com a renda collectiva dessa sociedade, de modo, que quando a renda é limitada, a massa total do producto social não pode aumentar. Os productos da agricultura, como todos os productos em geral, não se compram senão com outros productos; a permutação por meio da riqueza, que temos, nos procura a que não temos. Ora o Sul para o consumo dos seus productos agrícolas não contem, como o Norte, uma população industriosa, sendo a sua composição em grande parte de escravos; e como a escravatura produz por produzir sem realizar benefício algum do seu trabalho, como forma uma massa miserável de consumidores destituídos de toda a posse de productos, para effectuar permutações, como consomem o rigoroso necessário, unicamente para não desfalecer de fome, à semelhança de uma máquina, de uma especie de *tread-mill*, que obra sem fim intencional, a absorve a quantidade de óleo, e outros socorros necessários à sua acção, porque a marcha se lhe não interrompa; dahi resulta, que o valor das terras, e o proveito do serviço dos capazes empregados na sua exploração são menores no Sul que no Norte, onde a riqueza é distribuída por todas as classes, por todos os individuos em relação à sua capacidade productora, e à energia de seus esforços, e onde por consequencia mais abundam os productos destinados a ser permutados pelos da industria agrícola. Em segundo lugar, releva notar, que o trabalho, que acompanhado do capital dá à terra o valor, que ella de per si só não possue, é no Sul mais imperfeito, e menor em quantidade que no Norte. A escravatura é um instrumento ruinoso de produção: o obreiro livre produz incomparavelmente mais que o escravo: do mesmo modo que a liberdade do trabalhador favorece a potencia da industria, e o desenvolvimento da riqueza, a servidão produz o resultado inverso. O senso commun de todos os homens verifica, e confirma a experiência feita nos Estados Unidos.

A industria fez a sua apparição no mundo no dia, e na hora em que o homem sentiu a primeira precisão, como elemento condicional de sua existencia, a qual elle só poderia manter, pondo-se a braços com a natureza externa. Limitada, e circunscripta no principio, como era limitado, e circunscripto o circulo das premissões naturaes, mais tarde ella seguiu em progressão igual a multiplicação infinita das creadas pela civilisação. Em relação ao mundo externo a industria não figura só como uma potencia, mas tambem, e principalmente como uma

necessidade de trabalhar, e terás suprimido toda a industria, e com ella a civilisação. Ora o trabalhador do Sul não pertence a si mesmo, não leva nos trabalhos fina, e intenção alguma, não tem diante de si futuro, nem dia d'amanhã; trabalhe muito, ou pouco, elle sabe, que o proprietario tem obrigaçao de nutril-o no seu proprio interesse, que a sua ração está medida como a do boi da charrua, qualquer que seja a extensão dos sens esforços: não sendo por consequencia influido por algum dos incentivos, que empuxam o homem ao trabalho, abandona-se completamente ao pendor da inercia, e da preguiça, torna-se uma máquina obstinada, uma máquina difícil a condusir. Os golpes do asrtugue são inefficazes meios para substituir os estimulantes naturaes do trabalho: a experiença de todos os dias tem mostrado, que o escravo acaba por habituar-se aos supplicios os mais duros. O obreiro do Norte é seu proprio fim, tem uma personalidade, resultado de sua intelligencia, e moralidade; elle não produz por produzir, e porém sim para viver, para arredar a miseria de si, e de sua familia, para melhorar o seu destino, para gozar, para desenvolver-se, para representar o papel, que nesta curta viagem do homem pelo globo a Providencia marcou a cada individuo. O mais alto interesse convida pois o obreiro livre a applicar todo o seu zelo, actividade, e intelligencia à obra da produçao na certesa, que a maior, ou menor somma trabalho por elle feita implica augmento, ou diminuição nos seus proprios lucros. O escravo produzindo sempre para o senhor, e nunca para si, tralha o menos que possível é, e de industria procura causar ao proprietario todos os generos de perdas.

Quer na quantidade dos productos, quer na sua qualidade; quer na industria agrícola, quer na manufactureira, o trabalho do obreiro livre é superior ao do escravo. Mas é mormente na produçao manufactureira, que um abismo de diferença separa o primeiro do segundo. São os productos da agricultura em grande parte à obra da natureza, a qual mais, ou menos faz seu dever, por imperfeito que seja o processo do lavrador: os productos das manufacturas sendo essencialmente devidos às varias especies de transformações, que à materia prima imprime o obreiro, são pelo contrario criação do homem, si é que nos é lícito usar de semelhante metaphora, e requerem por consequencia mais que tudo aquella intelligencia, habilidade, e zelo, de que é absolutamente incapaz o escravo Africano, não só pela desgraçada conformação do seu crânio, como

pelo embrutecimento, e má vontade inseparável da condição servil, que o impedem de levantar-se acima de uma estupida rutina, e de aplicar à produção outro trabalho além do phisico, maquinal, esclarecido apenas de um pallido reflexo de intelligencia. E quando mesmo, por uma assombrosa anomalia elle tivesse a potencia intellectual de um James Watt, forcejaria por escondel-a aos olhos do proprietário, e por não empregal-a no seu serviço, não redundando semelhante emprego em vantagem alguma individual.

O obreiro livre para não succumbir na concurrencia dos outros da mesma especie, cura de dar a seos órgãos aptidão, e a seo espírito a maior capacidade technica, tanto mais que sabe, que por este meio se enriquece de um duplo capital.

De todos os elementos, sobre que repousa a economia das manufacturas, o mais importante, talvez, é a divisão do trabalho entre os obreiros, que concorrem à producção de um mesmo artigo. Elle economisa o tempo, que inevitavelmente perderia o obreiro, passando de uma à outra ocupação; e servindo-se successivamente de instrumentos diferentes: aperfeiçoando, e multiplicando rapidamente os productos, applicando exclusivamente a intelligencia do obreiro à uma operação simples, e dando-lhe aos órgãos, pela frequente repetição dos mesmos actos, uma celeridade, e dextresa, a que nunca chegaria aquelle, que à um tempo executasse trabalhos de genero diverso e variado. Ora incompativel é com a escravatura a divisão do trabalho.

Ella pre-supõe no obreiro boa vontade, e desejo de dilatar a sua capacidade produtora, desejo que jámais aparece no espírito do escravo. Ainda que milhões de vezes repita a mesma operação, a ultima vez assimilar-se-ha à primeira na falta de agilidade e imperfeição da causa produzida, observação esta, que induziu Mr. Charles Comte a avançar, que todos os escravos dos Estados Unidos reunidos de concerto aos das colônias Europeas não poderião jámais fabricar um bom alfinete. (*) Em sum não necessitamos de insistir sobre estas ideias, quando é geral o clamor em toda a America contra a incapacidade, relutância, preguiça e vida desordenada dos escravos. Até aqui havemos aceitado a hypothesis de ser com effeito gratuito para o proprietário o serviço do escravo, mas esta illusão, que dominava o fundo do espírito dos proprietários de escravos, desvanece-se diante o mais leve sopro da analyse. Si de um lado

(*) *Trat. de Leg.* tom. 4º, pag 276.

não pagão salario aos escravos, d'outro lado fazem um dispêndio de natureza mais ruinosa, o qual se compõe dos seguintes artigos.

1.º Os fundos accumulados dispêndidos na compra dos escravos. Sobe o numero dos escravos ora existentes nos Estados Unidos à 2,000,000. Computado à 250\$000 rs., o valor medio de cada um, representará o computo adicional, feito sobre o total da escravatura a quantia de 505,250\$000 rs. Assim, entretanto que o Norte em salarios dispõe gradualmente os valores acumulado, o Sul é obrigado a embeber de uma só vez na escravatura, aquella enorme copia de capitaes. Ora não é indiferente para a industria, e para a riqueza social a diversidade destes dous methodos de obter o serviço do obreiro. O Norte pagando ao obreiro livre por dia, por semana, ou por empreitada, conserva livres as suas riquezas para applicá-las à producção, e às empresas, que fazem gradar a publica prosperidade, como estradas, canais, &c. &c. O manufactureiro do Norte emprega os fundos, que à aquisição de escravos destina o manufactureiro do Sul, em matérias primeiras, e instrumentos, reservando tão-somente uma fraca parte em numerario para paga dos obreiros; outro tanto faz o lavrador do Norte, que consagra todas as economias a agriculturar, e a bemfeitorizar a maior quanitidade possível de terras. É verdade, que no sum de uma certa epocha haverá equação entre a cifra, que representa os capitaes consumidos debaixo da forma de salarios, e a cifra dos valores empregados na compra dos escravos. Mas não é igualmente menos certo, que quando chegar aquella epocha, as sociedades do Norte, se haverão enriquecido com os benefícios, que no intervallo, lhes procurará a applicação dos seus capitaes aos trabalhos productivos. A escravatura assimila-se à aquillo, que os economistas chamão *capital fixo*. Ora toda a economia feita sobre as despesas de um capital fixo, quando não diminuir da producção, deve aumentar os fundos, que põe a industria em actividade, e avultar por consequencia o producto annual da terra, a do trabalho, principaes fontes do redito de todas as sociedades.

2.º O interesse annual da somma empata da escravatura, o qual calculado a 5 por cento nos estados Unidos, monta à 25,112,500\$000 réis.

3.º O premio de seguro pela vida do escravo supputado sobre o termo provável de sua duração. Assombrosa é a mortalidade dos Africanos importados na America. Fi-

xão uns à 6, outros à 7 por cento, o numero dos negros, que a morte ceifa cada anno nas plantações americanas. O premio de seguro deve pelo tanto ser assás elevado para que renove os fundos perdidos com a vida do escravo.

4.º As despesas da manutenção, vestidura, e cura das molestias.

5.º As perdas de serviço productivo, que sofre o proprietário, quando o escravo por enfermo, ou por velho não pode trabalhar.

Nada Iha aqui tão frequente (diz Mr. de la Rochefoucault, fallando de Maryland) como ver-se um proprietário de 50 escravos, não poder empregar 50 nos trabalhos de plantação. Dez obreiros livres fariam pelo menos um trabalho igual.

Antes de pôr remate à estas observações acerca dos Estados Unidos, cumpre que não passemos por alto um facto assás notável e significativo, originado pela escravatura; queremos fallar da desigualdade do desenvolvimento numerico dos habitantes entre o Meio-Dia, e o Norte da União. O progresso da população sobre-modo rapido no Norte, é vagaroso no Sul, onde oferece o traslado de lento, com que ali caminha a industria. De 1790 á 1830 os Estados Unidos mais de uma vez pararam no meio da carreira para tirar conta dos seus ganhos em população, e mais de uma vez deram fé d'este resultado importante, que os Estados proprietários de escravos são superados no accrescimo da população pelos Estados servidos por obreiros livres. — Para abonar este facto invoquemos alguns exemplos.

Em 1790 possuía Kentucky mais de 61 mil habitantes; Ohio ainda não existia; foi fundado doze annos mais tarde, que o Estado de Kentucky. Em 1830 era a população deste ultimo de 522,704 habitantes, entretanto que na mesma epocha possuía Ohio 957,905, sobrepondo por consequencia a Kentucky em 415,199 habitantes.

Maior, que a de New-York, era a população de Virginia em 1790; orçava então o numero de seus habitantes á 454,183, quando New-York só contava 318,796. Volvidos quarenta annos, apareceu um resultado inverso: em 1830 Virginia tinha 741,654 habitantes, e New-York 1,918,534. New-York, que apenas 10 representantes dava ao Congresso Federal, quando Virginia dava 19, conta ali hoje 40, e Virginia somente 21. Tal atraso no augmento dos seos habitantes desfalca de dia em dia aquella antiga preponderancia de Virginia sobre a Federação, que lhe acarretará a gloria de ter fornecido a Republica de quatro Presidents.